

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. JULIO CARO BAROJA -SOBRE EL VOCABULARIO DE LA INSCRIPCIONES IBERICAS.

CARDOSO, Mário

Ano: 1946 | Número: 56

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Julio Caro Baroja -Sobre el vocabulario de la inscripciones Ibericas. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 327-329.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museu Arqueológico Nacional de Madrid, e alguns até ao nosso Museu Etnológico de Lisboa, por atenção ao grande e saudoso Mestre que foi o Prof. Leite de Vasconcelos.

O magnífico volume que o Sr. Padre César Morán nos apresenta agora, e que a douta Universidade inteligentemente editou, nas suas *Acta salmanticensia*, constitui como que um inventário geral das preciosidades arqueológicas e etnográficas da Província de Salamanca, que ele percorreu e conhece como ninguém. Vem o livro enriquecido com um mapa indicando os lugares e estações dignas de registo, e acompanhado de larga documentação iconográfica.

O relato das suas descobertas pessoais, ou mero complemento de informações acerca de antiguidades já conhecidas, não os apresenta o Autor sob aquele aspecto lacónico e frio dos problemas científicos, mas sim através de uma prosa colorida e atraente, e de uma descrição literariamente elegante, detendo-se absorvido nos aspectos encantadores da paisagem, na variedade dos costumes e tradições que perduraram até a actualidade, na riqueza do folclore, nos documentos epigráficos, nos monumentos de Arte, etc. O Sr. Padre Morán converte-se deste modo para o leitor num cicerone simultaneamente erudito e amável, que nos conduz através das terras salmantinas, e nos ensina, explica e aponta, com a vastidão dos seus conhecimentos, tudo quanto ali existe digno de nota em todas as Idades, desde o Paleolítico até a época romana e visigótica, da Prehistória à História, da Arqueologia e da Etnografia aos domínios da Arte.

Por vezes, em notas ligeiras mas incisivas, tem oportunidade de fazer alusões históricas a Portugal e aos portugueses.

Este último livro do Sr. Padre Morán é, em suma e a todos os títulos, uma Obra notável, de utilíssima leitura para quantos se interessem pelos estudos peninsulares.

Julio Caro Baroja, *Sobre el vocabulario de las inscripciones ibéricas*, Separata do «Boletín de la Real Academia Española», Madrid, 1946, pág. 173-219.

Neste artigo de 47 substanciosas páginas, o ilustre bascófilo e Professor Sr. Caro Baroja começa por fazer uma análise das concordâncias entre diversas palavras contidas em várias das chamadas inscrições *ibéricas*, que a interpretação fonética do alfabeto de Gomez Moreno permite ler. Em seguida o Sr. Caro Baroja mostra a possibilidade de se estabelecerem algumas comparações entre essas palavras concordantes, destacadas dos textos epigráficos ibéricos, e certas palavras bascas de nítida origem no romance, revelando, nesta maneira de estudar o assunto, que nenhum preconceito o move ao contraditar, em princípio, a teoria do vasco-iberismo.

O Autor lembra contudo, mais uma vez, que o basco não é uma linguagem fóssil, estabilizada há milhares de anos, pois que o latim, por exemplo, lhe emprestou numerosos elementos, não sendo lícito portanto ir-se procurar neste velho idioma, sem uma prévia dissecação daqueles e de outros elementos estranhos, a chave da tradução das inscrições ibéricas, e muito menos admitir a existência de uma unidade linguística na Península, na época pré-romana.

Por tal motivo, só com grande cautela e extrema reserva se podem estabelecer comparações sob uma base de tão precária solidez, especialmente na opinião daqueles que possuam um conhecimento íntimo da língua basca e dos seus antecedentes históricos.

Para evidenciar as comparações dos vocábulos escolhidos, o importante artigo do Sr. Caro Baroja vem acompanhado de dois elucidativos quadros, que o autor organizou com elementos obtidos em parte nas suas investigações pessoais, e em parte nos estudos anteriores de Schuchardt. Num desses quadros estabelece a comparação de palavras bascas, aquitanas, pirenaico-ibéricas e hispânicas antigas, tendo em conta a igualdade dos sufixos; no outro reporta-se à semelhança dos nomes simples ou compostos.

Algumas destas semelhanças admite o autor que podiam ser devidas a influências célticas. Mas as não explicáveis pelas línguas célticas? Deverá o parentesco dessas palavras atribuir-se ao chamado *ibérico*? E' doutrina tradicional que os autóctones da Península eram os *iberos*, de suposta origem africana, com os

quais se mesclaram mais tarde os celtas. Schulten, entre outros, considerava porém os lígures como a população mais antiga da Península, historicamente comprovada. Mas já Bosch Gimpera, por exemplo, nega todo o valor aos supostos testemunhos lígures. Ultimamente complicaram-se ainda mais estas questões etnológicas, admitindo-se que, antes dos celtas, entraram na Península os ilírios. Caberá entroncar a língua basca em alguns destes substractos? No lígure, por exemplo, que parece se aproximava do latim? Na língua dos iberos? No ilírio? Tudo se apoia em meras hipóteses, cuja consistência deixa muito a desejar.

Diz o Sr. Caro Baroja que, enquanto estas investigações, de natureza tão complexa, se apoiarem em determinados preconceitos de classificações antropológicas extremamente rígidas e demasiado esquemáticas, pouco se adiantará. E conclui sensatamente: «Las sociedades nunca han sido, ni seran, unidades organicas separadas entre si por barreras biologicas, y hay que pensar que iberos, celtas y otros pueblos han tenido que viver formando combinaciones muy variadas, en lo que se refiere a influencias culturales y linguisticas, y repartiendose en formas y en gradaciones muy diversas.»

CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS.
Instituto Diego Velasquez — *Carta Arqueológica de España*. BARCELONA, por **Martin Almagro Basch**, **José de C. Serra Rafols** e **José Colominas Roca**. Madrid, 1945. Volume de 240 páginas, xvi estampas de página, e 29 figuras intercaladas no texto, incluindo diversos mapas e plantas.

Já em 1942 fizemos referência, nesta mesma Revista, à publicação do 1.º volume da *Carta Arqueológica de España*, referente à Província de Sória, elaborado pelo Sr. Blas Taracena Aguirre, actual Director do Museu Arqueológico Nacional de Madrid. Foi agora, em 1945, publicado o 2.º volume, que temos presente, relativo à Província de Barcelona, organizado pelos Professores Martin Almagro, Serra Rafols e Colominas